

# TEORIA SOCIAL CRÍTICA E SERVIÇO SOCIAL: OS 50 ANOS DO MOVIMENTO DE RECONCEITUAÇÃO

Ivete Simionatto<sup>1</sup>

## Introdução

Ao rememorarmos os 50 anos do Movimento de Reconceituação, é de extrema relevância resgatarmos, ainda que de forma breve, seu inequívoco e fecundo legado ao Serviço Social latino-americano, mediante a introdução das primeiras aproximações à tradição marxista. As mudanças que se descortinavam no panorama internacional da época, com o tensionamento das estruturas sociais capitalistas, a efervescência das lutas sociais, em suas expressões contestatórias e “pretensões revolucionárias”, permearam “não somente a prática política, mas a vida científica e cultural” (AQUIN, 2005, p.53). Tal cenário fortaleceu as buscas de renovação do Serviço Social latino-americano, levando-o a interrogar-se sobre suas bases teórico-metodológicas, suas posições políticas e ideológicas, bem como sobre o seu fazer profissional. Nas palavras de Molina (2005, p.137) “La reconceptualización marca un hito fundamental en la forma de entender hoy la historia y razon de ser de esta profesión” e “um divisor de águas” na história do Serviço Social, abrindo possibilidades inéditas de ampliação das relações entre “profissão e sociedade” (PARRA, 2005).

---

<sup>1</sup> Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1993) e Pós-doutorado no European University Institute (Florença-2002/03). Professora titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: ivete.simionatto@pesquisador.cnpq.br

Mesmo considerando sua heterogeneidade e as diversas direções que tomou na América Latina, entrecortada pelas ditaduras militares, a maior herança teórica da experiência reconceitualizadora foi a aproximação do Serviço Social ao marxismo, ampliando a interlocução crítica com as ciências sociais. Os aportes da tradição marxista, mesmo que hauridos de fontes e veredas interpretativas diversas, permitiram “*mirar nuestra América*”, suas particularidades, as formas de dominação, as desigualdades e a iniquidade provocadas pelo capitalismo dependente. Embora situado no curso de uma década, as conquistas e os impulsos do Movimento de Reconceituação reverberam nos dias atuais, em processos de conservação/superação, de continuidade e ruptura<sup>2</sup>. Entendemos, assim, que as profissões se transformam no movimento mesmo da sociedade e das condições de cada época, produzem conhecimentos, afirmam princípios, elegem valores, formulam indicações teóricas, éticas, práticas e políticas, influenciando e espraiando-se a todo o corpo profissional. Nas palavras Gramsci (1999, p.325-26), “a filosofia de uma época não é uma filosofia deste ou daquele filósofo, deste ou daquele grupo de intelectuais, desta ou daquela grande parcela das massas populares: é uma combinação de todos esses elementos, culminando em uma determinada direção”, torna-se “norma da ação coletiva, isto é, torna-se história concreta e completa (integral) ”.

Assumir, portanto, o patrimônio legado pela Reconceituação e transcendê-lo para desvendar as novas e velhas expressões da questão social geradas nas tensões da crise e da expansão do capitalismo na atualidade, bem como suas repercussões no cotidiano profissional, são tarefas necessárias para ampliar e fortalecer a vitalidade da teoria social crítica, indispensável em uma época como a nossa, atravessada por um conservadorismo e um pragmatismo impiedosos.

---

<sup>2</sup>Sobre os diferentes rumos assumidos pelo Movimento de Reconceituação no continente latino-americano e da particularidade brasileira ver especialmente: Iamamoto e Carvalho (1982), Iamamoto (1998), Netto (1991), Faleiros (1987).

## **1. A teoria social crítica e seus aportes para a intervenção profissional**

O Movimento de Reconceitualização do Serviço Social na América Latina, inscrito no marco de grandes eventos sócio-culturais e políticos ocorridos entre os anos 1960-70 em diversas partes do globo, descortinou um novo horizonte profissional, marcado pela ânsia de renovação teórico-metodológica e prático-política. Em nível mundial, a revisão crítica das ciências sociais, os movimentos e lutas de 1968, com destaque para o protagonismo estudantil, os impulsos renovadores da Igreja Católica, associados à emergência de mais uma crise do padrão de desenvolvimento capitalista vigente desde a Segunda Guerra, repercutem no Serviço Social em ampla escala, porém com nítidas particularidades na América Latina. No quadro dos eventos internacionais contestam-se a legitimidade do Serviço Social Tradicional e os parâmetros profissionais norte-americanos, marcadamente conservadores e alheios à realidade latina, abrindo-se, a partir de então, um amplo processo de revisão crítica da profissão no continente. A pretensa neutralidade científica e ideológica que impregnava as ciências sociais e os fundamentos teóricos do Serviço Social são postos em causa, forjando-se as bases iniciais de interlocução com o pensamento marxista. Ainda que os aportes teóricos tenham sido buscados nos manuais do “marxismo oficial”, permeados de vieses metodologistas e epistemologistas, estes abriram possibilidades de revisão e renovação profissional, seja de forma crítica ou modernizadora, mas de inequívoca relevância à contestação do conservadorismo e ao estabelecimento de canais de aproximação do Serviço Social à teoria social crítica. Na atenta observação de Netto (1991, p.148), “depois da reconceptualização, o pensamento de raiz marxiana deixou de ser estranho ao universo profissional dos assistentes sociais”.

Destarte, a despeito das vias teóricas em que ocorreu tal aproximação, como também das controvérsias, equívocos e direções que o processo reconceitualizador assumiu na América

Latina, são inegáveis os desdobramentos e repercussões nos âmbitos do ensino, da pesquisa, da produção de conhecimentos, na organização política da categoria e na prática profissional<sup>3</sup>. Tanto a obra de Marx e Engels como as das grandes expressões do século XX, como Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Gramsci, Lukács, Goldmann, também deixaram de ser alheias ao universo profissional, adensando suas bases teórico-metodológicas e fomentando uma cultura política com novos aportes e interpretações, em permanente diálogo com as questões que desafiam o tempo presente. As categorias e conceitos elaborados por tais pensadores, tomados com maior rigor e compromisso com o conhecimento, vêm se consolidando como ferramentas imprescindíveis à análise das intrincadas formas de exploração, as relações entre as classes, as nações e nacionalidades, os processos históricos onde se produzem e reproduzem “continua e reiteradamente a alienação de amplos setores sociais e, simultaneamente, a luta pela emancipação” (IANNI, 1999, p.29).

Apesar das incontáveis homenagens póstumas já prestadas ao marxismo, “reivindicando a sua utilidade apenas para um certo período histórico”, e a imperiosa necessidade de sepultá-lo “com todas as honras cabíveis” (GRAMSCI, 1999, p.113), é imprescindível reconhecer que prossegue, notoriamente, como “uma filosofia incômoda, questionadora” (KONDER, 1984, p.28). Por isso mesmo, torna-se mister insistir em seu caráter histórico, ampliando-o e renovando-o com a incorporação dos avanços e conquistas dos séculos XX e XXI. Nesse sentido, Gramsci (1999, p.95) nos alerta:

A própria concepção de mundo responde a determinados problemas colocados pela realidade, que são bem determinados e “originais” em sua atualidade. Como é possível pensar o presente, e um presente bem determinado, com um pensamento elaborado

---

<sup>3</sup>Vale destacar o importante papel desempenhado pelo Centro Latino de Trabajo Social (CELATS) e da Asociación Latinoamericana de Escuelas de Trabajo Social (ALAEETS, hoje ALAEITS) no processo de articulação político-profissional no continente, no incremento da pesquisa, da capacitação continuada, bem como na publicação do conhecimento através da série Livros-Celats, da Revista Acción Crítica e dos Cuadernos Celats.

em face a problemas de um passado frequentemente bastante remoto e superado? Se isso ocorre, significa que somos “anacrônicos” em face da época em que vivemos, que somos fósseis e não seres que vivem de modo moderno.

As descobertas científicas e teóricas do marxismo não são leis ou verdades absolutas e eternas, mas produtos da história, e estarão superadas quando superadas também as relações sociais capitalistas. Por estas razões, vale registrar a pertinência da afirmação de Atilio Borón (2006, p.97): “el marxismo continúa siendo la filosofía insuperable de nuestro tiempo porque las circunstancias que lo engendraron todavía no fueron superadas”. Esse “empreendimento de apropriação do patrimônio categorial e metodológico do marxismo, incorporado não evangelicamente, mas como um manancial inesgotável de sugestões”, nos impulsiona “com inteligência e criatividade, continuar pesquisando os problemas do tempo presente” (IAMAMOTO, 1998, p.235). O marxismo é “avesso à ideia de uma continuidade meta e supra-histórica”, pois,

Requer e necessita um debate permanente com a realidade sempre mutável, mas passível de ser compreendida. Mais do que um conjunto de teorias prontas e acabadas o marxismo é um permanente processo de indagação do real e de construção das categorias e das leis de movimento das sociedades concretas que ele examina. Ele é a construção da inteligibilidade dos processos sociais, históricos (DIAS, 2006, p. 122).

Mesmo considerando as divergências entre as tendências que se desenvolveram e se desenvolvem no âmbito da tradição marxista, com pontos de vista e interpretações diversas, podemos afirmar, na esteira de Lukács, que a ortodoxia está no método, porque nos leva a sermos inquietos, inquietadores, rebeldes e inconformistas. É a teoria social crítica que possibilita entender que o funcionamento da vida social, econômica, política e cultural não ocorre de maneira harmônica como na natureza. Bastaria essa distinção para pensarmos que a pobreza não é um fenômeno natural e que não

basta a superação de seus níveis extremos, consoante às tendências teóricas explicativas elaboradas pela intelectualidade a serviço das agências e organismos internacionais. Esse naturalismo positivista e pragmático é a visão do homem e do mundo atuais, que consolida posições de resignação, de conformismo e de legitimação da ordem estabelecida, sobretudo em um contexto histórico marcado pelo retorno de valores conservadores próprios ao pensamento liberal clássico. Estes reaparecem sob nova roupagem (neoliberal), porém com uma sofisticação teórica e política aceita hegemônica e ideologicamente como o único horizonte possível e inquestionável.

O recrudescimento de tais valores está atrelado, sem dúvida, na presente etapa do capitalismo, não só aos processos de financeirização da economia e ao novo padrão de acumulação capitalista<sup>4</sup>, mas de maneira incisiva na esfera ideológica e cultural, mediante o estabelecimento de “normas, regras de vida e de conduta” assentadas na competição, no individualismo e na meritocracia, balisadoras das difentes práticas sociais. Espriam-se, através dessa ideologia, “os discursos homofóbicos, machistas, racistas, autoritários e elitistas, as manifestações mais abjetas de uma visão de mundo hierárquica e preconceituosa que expressa as profundas clivagens sociais existentes em nossa sociedade” (BIANCHI, 2016). A difusão e a aceitação desse modo de pensar garantem à *civiltá* burguesa a “conversão das diferenças em senso comum” (DIAS, 2006, p.97), embaraçando o desenvolvimento de uma “concepção de vida superior” e a capacidade para “forjar um bloco intelectual e moral que torne politicamente possível o progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais” (GRAMSCI, 1999, p.103). Nos termos de Losurdo (2006, p.246), “a difusão de uma teoria [...] crítica da sociedade, é obstaculizada de vários modos pela classe dominante”, que tem se utilizado, de forma refinada, das mais variadas armas para a formação de uma “nova inteligibilidade sobre o real”

---

<sup>4</sup> Trata-se da chamada crise sistêmica que emerge no início dos anos 1970, abarcando toda a estrutura da ordem do capital com alterações no mapa geopolítico do mundo na economia, na política, na cultura e em todas as instâncias da vida social. A esse respeito ver: Mandel (1985), (Harvey (1993), Mészáros (2002), Iamamoto (2007), Netto (2012).

(SEMERARO, 2006). Os saberes e práticas dos dominantes “ditam os ritmos e as formas de todo o saber constituído” (DIAS, 2006, p.69), limitam a atividade científica enclausurada na “razão instrumental” e apartada de marcos analíticos forjadores de novas subjetividades. Para além das práticas sociais, esse ocultamento crítico, o cerceamento da liberdade e da criatividade não deixaram imunes os que buscaram assumir, do ponto de vista teórico, a produção de conhecimentos comprometidos com a construção de uma nova ordem societária. Nesse cenário, prenhe de neoconservadorismo, desaparecem as grandes oposições nos campos político, social, filosófico, artístico e cultural, legitimando a compreensão do real de forma fragmentária, microscópica e individual, afeitas à chamada “condição pós-moderna”, solo fértil para a elevação do “apanágio da direita”, como tão bem demarcou Perry Anderson (1999).

Sem embargo, urge no cenário contemporâneo reivindicar a tradição marxista e seu arsenal heurístico como a perspectiva teórico-metodológica que permite, de modo radical, a interpretação da sociedade capitalista, o desvendamento do real em sua totalidade e contradições, sua imediaticidade e aparência. É a teoria social crítica que nos oferece um conjunto de conhecimentos imprescindíveis para analisar e desvelar os processos macrossociais em suas múltiplas determinações, mas igualmente, as diversas singularidades de indivíduos como “blocos históricos concretos [...] e não apenas como cidadãos e assalariados, mas, pais, filhos, companheiros” de origem rural ou urbana, “crentes ou não crentes que são demarcados pelo real em suas ações cotidianas” (DIAS, 2006, p.119). Estas também são expressões da particularidade do exercício profissional do Assistente Social, que se ampliam e se complexificam, alteram e redimensionam as demandas colocadas à profissão, exigindo, conseqüentemente, respostas prático-políticas ainda em elaboração em face aos desdobramentos processuais do modo de produção capitalista e as formas de incidência nas diferentes esferas da vida dos sujeitos sociais. Nesse sentido, compreender a realidade como um campo de contradições, que tem

sua raiz nos processos de produção e (re)produção social, “a abertura para mais longe – para o amplo horizonte do movimento da sociedade – é que torna possível iluminar as próprias particularidades do Serviço Social” (IAMAMOTO, 2005, p.203), apresentando-se nos dias atuais como exigência e como desafio.

Entretanto, se do ponto de vista da totalidade e da historicidade o marxismo referencia-se à práxis global da humanidade, ou seja, direciona-se à superação dos limites impostos pela divisão social e técnica do trabalho, tanto na práxis quanto na teoria, como a prática concreta do Serviço Social se insere nesse horizonte? Partimos do pressuposto de que as profissões e os diferentes espaços ocupacionais são indissociáveis dos projetos societários, das forças sociais e políticas, dos projetos de classe, e, portanto, permeadas pelos condicionamentos histórico-sociais onde se inserem e atuam. Se a profissão é um produto histórico, sua particularidade só encontra significado quando situada na dinâmica societária “da qual é parte e expressão” (IAMAMOTO, 2007, p.26). Seus fundamentos vinculam-se ao seu “modo de pensar incorporados e construídos ao longo do seu desenvolvimento. [...]. Decifrar essa especialização do trabalho supõe, nesse sentido, elucidar os processos sociais que geram a sua necessidade social”, e também “o significado de suas ações no campo das relações de poder econômico e político”, o embate “entre as classes sociais – e destas com o Estado -, assim como o envolvimento no debate teórico e cultural do seu tempo” (IAMAMOTO, 2007, p.26). Tal análise só pode ocorrer, contudo, a partir de um arco de mediações que permite remeter a práxis particularizada à práxis geral da sociedade.

A compreensão do Serviço Social enquanto prática profissional passa necessariamente tanto pela compreensão da sua relação com a práxis coletiva quanto pela forma como ocorre sua inserção na divisão social e técnica do trabalho. É uma “atividade socialmente determinada pelas circunstâncias sociais objetivas”, independente da vontade particular “ou da consciência de seus agentes individuais” (COUTINHO, 1991, s.p.) e, portanto, suscetível a limites exclusivamente inerentes a esta ou aquela profissão, senão



impostos pelo modo de produção capitalista, que fragmenta e divide as práticas sociais. Em última análise, as práticas parciais só encontram seu elo de unidade quando dissolvidas na totalidade da práxis coletiva, cujo horizonte comum é a teoria social crítica. Mesmo considerando que o amplo conjunto teórico e metodológico do marxismo não encontra possibilidades analíticas em todas as situações imediatas enfrentadas por determinada profissão em seu cotidiano (COUTINHO, 1991), permite compreender a atividade profissional para além dos aspectos rotineiros e imediatos requeridos pela dinâmica institucional. A prática profissional cotidiana possui uma demanda prévia, derivada de necessidades concretas das classes subalternas. É um fazer reiterativo, mas necessário ao atendimento de necessidades sociais, à provisão de serviços essenciais à reprodução dos sujeitos sociais.

Mesmo ocorrendo no “cotidiano miúdo” (YASBEK, 2001) e nas situações singulares de indivíduos, famílias, grupos e segmentos populacionais, a prática profissional, não obstante, é atravessada pelas determinações macrosocietárias. Por isso não se confunde com o imediatismo; antes, satura de significado o tratamento das situações imediatas, conjugadas com projeções de médio e longo prazos, calcadas em análises de conjuntura, no desvendamento das relações de poder presentes nos espaços sócio-ocupacionais, em articulação com outras forças sociais (IAMAMOTO, 2007). Nesse movimento, “os fatos particulares e a visão de conjunto se entrelaçam contínua e dialeticamente permitindo a circulação do empírico ao universal e vice-versa” (SEMERARO, 2006, p.20). Somente o discernimento e a lucidez dos limites presentes na dinâmica profissional, postos pela própria divisão sóciotécnica do trabalho, permitem compreender que grande parte das contradições não encontram resolutividade no âmbito das profissões, mas para além delas. Muitas aspirações inerentes à construção de um novo projeto societário são realizáveis somente no nível da práxis social coletiva (COUTINHO, 1991) ou, dito de outro modo, a perspectiva revolucionária, de emancipação humana, não encontra resolução nos contornos da prática imediata. Muitas ações cotidianas exigem

um encaminhamento ágil na resolução de problemas, não comportando, neste nível, análises de maior complexidade. Se os processos sociais mais amplos não têm uma incidência “imediate e automática” nas ações práticas interventivas, “a compilação de observações práticas” e o registro de fatos particulares constituem-se na matéria-prima por excelência do processo investigativo. Estas necessitam, contudo, ser remetidas à reelaboração teórica, através da pesquisa, transformando-se em possibilidades de respostas técnicas e políticas qualificadoras da ação profissional (IAMAMOTO, 2007).

É através da pesquisa e da análise crítica que temos condições de “apanhar a imediatividade dos fenômenos, identificando [...] as relações e determinações subjacentes à capilaridade das demandas, desconstruindo-as enquanto objeto de conhecimento” (MOTA E AMARAL, 2014, p.40), tomar posições políticas, analisar as condições favoráveis ou não à tomada de decisões em determinadas conjunturas históricas que podem impactar na vida cotidiana, analisar o papel do Estado e como se materializa na relação com as classes sociais, as tendências das políticas sociais, as forças e os interesses em jogo, os antagonismos e contradições que presidem o modo de produção capitalista e impactam a totalidade das relações sociais. Assim, o conhecimento do cotidiano, não tomado em si mesmo, mas constitutivo dos processos históricos, manifesta-se como “local de embate de projetos” e não “mera erudição desprovida de sentido” (DIAS, 2006, p.111). As determinações objetivas presentes na realidade e independentes da vontade dos agentes profissionais, normalmente pautadas na estreita concepção de que os espaços de atuação profissional são “instâncias unicamente reprodutoras do capital”, longe de evocarem posturas messiânicas e imobilistas, convocam à atuação crítica, descortinam as múltiplas possibilidades de interferir ativamente na história, através de um “espírito crítico” capaz de forjar projetos alternativos de sociedade (SEMERARO, 2006; SILVA, 2013).

Permanece, portanto, a insistência de que a prática profissional requer o domínio de sólidos conhecimentos teóricos

imprescindíveis à leitura e desvendamento do real, mas igualmente de instrumentais técnico-operativos necessários à elaboração de respostas críticas e propositivas diante das demandas atuais ou emergentes que se apresentam nos diferentes espaços ocupacionais, sem perder de vista as referências inerentes aos projetos societários em disputa. Parafraseando Gramsci, é imperioso afirmar que todo profissional, não importa sua especialização, é portador de conhecimentos e critérios gerais que devem estar ativos em seu trabalho. “Quem não tenha uma plena inteligência dos conceitos utilizados, quem tenha escassa formação e conhecimento do estágio precedente dos problemas tratados, quem não seja [...] cauteloso em suas afirmações” e ainda, “quem não progrida de maneira necessária, mas sim arbitrária e sem concatenação, quem não saiba levar em conta as lacunas que existem nos conhecimentos já atingidos, mas as ignore e se contente com soluções ou nexos puramente verbais” (GRAMSCI, 1999, p.123), fortalece posturas triviais e acrílicas, que obstaculizam a tomada de posição diante de necessidades objetivas, como também o impulso para ampliar e desenvolver ações na perspectiva de unificação do gênero humano. Mesmo sendo um trabalhador assalariado, o assistente social dispõe de relativa autonomia nos diversos espaços sócio-ocupacionais, seja no âmbito do Estado, das organizações empresariais, junto ao Terceiro Setor ou outras instituições da sociedade civil. Essa relativa autonomia possibilita imprimir uma direção social ao exercício profissional (certamente nos limites contratuais e legais), podendo, contudo, tanto legitimar a ordem existente quanto reorientar a prática profissional, de acordo com os interesses dos usuários, numa perspectiva contra hegemônica e emancipadora.

O princípio que orienta a presente argumentação é o de que não existe prática sem teoria. A filosofia da práxis ou o marxismo não está cindida nesses dois momentos - o primeiro vinculado à produção teórica e à investigação e o segundo à lógica formal, entendido de modo experimental, “no sentido vulgarmente positivista”. Se não há separação entre teoria e prática e se “não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção

intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*” (GRAMSCI, 2000, p.53). Em suma, todo homem participa de uma concepção do mundo, e contribui para manter ou para modificar tal concepção, ou seja, é capaz de suscitar novas maneiras de pensar. “Pode ocorrer, aliás, que a sua consciência teórica esteja historicamente em contradição com o seu agir”, o que muitas vezes cria um estado de imobilismo e de “passividade moral e política” (GRAMSCI, 1999, p.103). Concordamos, portanto com a premissa gramsciana de que “a unidade de teoria e prática não é um dado de fato mecânico”, mas um devir histórico, remetendo à arguta e propositiva análise de que toda “ação é sempre uma ação política” (GRAMSCI, 1999, p.104) e que “a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são, também elas, fatos políticos” (GRAMSCI, 1999, p.97).

Se nem todo assistente social é um pesquisador, certamente pode contribuir, através da sistematização de suas práticas, com um material empírico de inequívoca relevância para estudos e pesquisas voltados à ampliação do horizonte profissional. A atitude investigativa possibilita refletir e construir perspectivas e programas de ação, mobilizar outras forças, contribuir na criação de mecanismos voltados à desburocratização dos serviços, ampliar as relações com os sujeitos demandantes, melhorar a qualidade do atendimento, o acesso a direitos, a socialização de informações, a utilização de leis, estatísticas e indicadores, a análise de orçamentos públicos. Há um conjunto de conhecimentos necessários à qualificação das novas demandas colocadas à profissão, seja no âmbito do planejamento, da gestão, da avaliação e da execução das políticas sociais, na atuação em equipes multiprofissionais e de inúmeras outras funções, o que requer um perfil profissional com bagagem teórica, “culto e crítico”, capaz de “formular, recriar e avaliar” ações e propostas, avançando para além do instituído. Nas palavras de Gramsci (1999, p.128): “A atividade crítica é a única possível, notadamente no sentido de colocar e resolver criticamente os problemas que se apresentam como expressões do desenvolvimento histórico”. Nesse sentido, a teoria não é

meramente “um complemento”, um “acessório” da prática, mas constitutiva da práxis voltada à transformação social.

Uma prática profissional lida e interpretada à luz das referências buscadas na teoria social crítica será tão mais rica e mais ampla quanto maior for a capacidade de apropriação do conhecimento produzido, de interlocução com as contribuições de outras vertentes teóricas, às formulações analíticas acumuladas no processo de produção científica e cultural em diálogo crítico e constante, sem, contudo, resvalar para o ecletismo. Na expressão de Atilio Bóron (2006, p.39), “un marxismo racional e abierto puede contribuir decisivamente” para mudar a situação em que nos encontramos, “dotándonos de instrumentos idóneos para interpretar y cambiar el mundo. Sólo con el marxismo no lo logramos, pero sin el marxismo tampoco”.

## **Considerações finais**

Pensar o Serviço Social a partir do legado do Movimento de Reconceituação, das profundas transformações societárias e dos processos de reestruturação do capitalismo ocorridos nas décadas subsequentes e que adentram o século XXI coloca-nos diante de vários desafios, especialmente diante do avanço da ofensiva conservadora que atravessa saberes e práticas nos dias atuais, apoiadas nas tendências pós-modernas e na desqualificação da teoria social crítica. Alguns indicativos podem nos ajudar nesse campo:

- Compreender o Movimento de Reconceituação como um processo de continuidades e rupturas, revigorando as luzes lançadas na imputação e crítica ao conservadorismo profissional, potencializando a compreensão e análise da sociedade e da profissão a partir do legado da teoria social crítica;

- Reafirmar a perspectiva crítico-dialética, imprescindível para interpretar os processos histórico-sociais, potencializando a formação de uma cultura política crítica desencadeadora de ações

propositivas frente a crescente e inescrupulosa desigualdade e as formas de exploração que se naturalizam nos dias atuais;

- Ampliar o diálogo com o pensamento social clássico e contemporâneo, buscando uma apropriação mais consistente de categorias e princípios teórico-metodológicos, não de forma cristalizada e enrijecida, senão como possibilidades para a explicação dos processos sociais mais amplos e as mediações com as ações profissionais;

- Fortalecer a pesquisa e a produção de conhecimentos, ampliando as relações entre a academia e os profissionais, necessárias ao desenvolvimento de uma função mais unificadora, potencializando a atitude crítica e investigativa;

- Oferecer uma sólida formação teórica, que possibilite compreender os novos cenários nos contextos nacional, regional e mundial, como também a capacidade técnico-operativa que envolve competências e habilidades requeridas para uma prática profissional crítica;

- Investir no permanente e contínuo processo de capacitação dos profissionais, com cursos *lato e stricto sensu* para fazer frente às novas demandas e a elaboração de respostas “mais qualificadas (do ponto de vista técnico-operativo) e mais legitimadas (do ponto de vista sociopolítico) para as questões que recaem no [...] âmbito de intervenção profissional” (NETTO, 1996, p.124);

- Afirmar a permanente e inequívoca atualidade do marxismo, não apenas como um método voltado à leitura do real, mas como teoria decisiva à crítica da ordem capitalista, necessária ao desvendamento de suas armadilhas ideológicas e dos “cantos de cisne” que produz como verdades acolhidas e incorporadas de forma passiva, acrítica e desencarnada da história.

## Referências

ANDERSON, P. **As origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.

AQUIN, N. Reconceptualización? Um trabalho social alternativo o una alternativa al trabajo social? **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, Ano XXVI, n.84, nov. 2005.

BIANCHI, A. **BLOGJUNHO**. A guerra que estamos perdendo. <http://blogjunho.com.br/?s=alvaro+bianchi>. Acesso em 15 de março de 2016.

BORON, A. Classe inaugural: por il necessario (y demorado) retorno al marxismo. BORON, A. at all (org). **La teoria marxista hoy**. Buenos Aires: Clacso, 2006.

COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e Miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

COUTINHO, C. N. **Questões de teoria e de prática**. Debate gravado na PUC/SP, 1991. Digit.

DIAS, E. **Política brasileira**: embate de projetos hegemônicos. São Paulo: Sundermann, 2006.

FALEIROS, V. P. Confrontos teóricos do Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, ano VIII, n.24, 1987, pp.49-69.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Trad. CUTINHO, C.N.; HENRIQUES, L. S.; NOGUEIRA. M. A. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Trad. CUTINHO, C.N.; HENRIQUES, L. S.; NOGUEIRA, M. A. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

IAMAMOTO, M. **O serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998.

IAMAMOTO, M. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**. São Paulo: Cortez, 2007.

IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez/Celats, 1991.

IANNI, O. A sociologia e as questões sociais na perspectiva do século XXI. SANTOS, J.V. Gugliano, A. A. (Orgs). **A sociologia para o século XXI**. Pelotas: Eucat, 1999.

KONDER, L. **O marxismo na batalha das ideias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MOLINA, L. Consta Rica: los caminos recorridos en la formación académica y el trabajo profesional a 40 años de la Reconceptualización. ALAYON, N. (Org). **Trabajo Social Latinoamericano: A 40 años de la Reconceptualización**. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2005.

MOTA, A. E. AMARAL, A. Serviço Social brasileiro: cenários e perspectivas. MOTA, Ana Elizabete, AMARAL, Ângela (Orgs).



**Serviço Social brasileiro nos anos 2000:** Cenários, pejejas e desafios. Recife: Editora UFPE, 2014.

NETTO, J. P. Crise do Socialismo, teoria marxiana e alternativa comunista. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, Ano XII, nº 37, dezembro, 1991, pp. 05-48.

NETTO, J. P. Transformações societárias e serviço social – notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Revista Serviço Social e Sociedade**. Ano XVII, n.50, São Paulo: Cortez, 1996, p.87-132.

NETTO, J. P. Crise do capital e consequências societárias. **Revista Serviço Social e Sociedade**, Set, no.111, São Paulo: Cortez, 2012, p.413-429.

PARRA, G. Aproximaciones al desarrollo dem Movimiento de Reconceptualización en America Latina.

RUIZ, A. (Org). **Búsquedas del Trabajo Social:** urgências, propostas e possibilidades. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2005.  
SEMERARO, G. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

SILVA, F.S. **Serviço Social:** resistência e emancipação? São Paulo: Cortez, 2013.

YASBEK, C. Pobreza e Exclusão Social: expressões da questão social no Brasil. **Revista Temporalis**, Ano 2. Nº 3. ABEPSS, Graflíne, 2001.

Recebido em 31/03/2016 e  
aceito em 25/04/2016.

---

**Resumo:** *O objetivo do presente artigo é resgatar o legado do Movimento de Reconciliação enquanto marco das primeiras aproximações do Serviço Social à tradição marxista. Discute os*

*desdobramentos desse processo como um movimento de conservação/superação, reafirmando a relevância da teoria social crítica (tradição marxista) na atualidade. Através de pesquisa teórica e bibliográfica, conclui que o marxismo prossegue como a teoria que ainda oferece os instrumentos conceituais mais refinados à elaboração de uma análise global da sociedade, bem como indicadores fundamentais à qualificação da prática profissional em suas diversas expressões.*

**Palavras-chave:** *Marxismo, Movimento de Reconceituação, Serviço Social, prática profissional.*

---

**Title –** *Critical Social Theory and Social Work: Fifty Years of the Reconceptualization Movement*

**Abstract:** *The purpose of this article is to retrieve the legacy of the Reconceptualization Movement as a milestone of the first convergences of Social Work and the Marxist tradition. It discusses the unraveling of that process as a movement of conservation/improvement, reaffirming the relevance of critical social theory (Marxist tradition) today. Based on theoretical and bibliographical research, it concludes that Marxism still remains the theory that offers the most refined conceptual tools for a comprehensive analysis of society, as well as fundamental indicators for the qualification of professional practice in its various expressions.*

*Key words:* *Marxism, Reconceptualization Movement, Social Work, Professional Practice.*

---